Lá ou *topos* e suas metáforas

Alfredo José Mansur[I]

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

O vocábulo "lá" é dicionarizado como advérbio, isto é, um modificador, com acepções que dizem respeito ao espaço e ao tempo,[1] de uso corriqueiro na atividade médico-científica. "Lá" é empregado na atividade assistencial (por exemplo, lá existem mais métodos diagnósticos e terapêuticos acessíveis), no ensino (por exemplo, lá há currículos mais modernos) e na pesquisa (por exemplo, lá há dados, estatísticas, métodos, apoios, fluxos, resultados, publicações). É uma referência quase mítica a instâncias que superam as limitações daqui, comum a ponto de estimular reflexões.

Talvez "lá" remeta ao antigo conceito de *topos* e suas metáforas, tão bem estudadas por filósofos (Heidegger) e em grandes escritores (Melville – o mar, Guimarães Rosa – o sertão).[2] O termo foi bem usado em circunstância poética: "Lá sou amigo do rei (...)", "Lá a existência é uma aventura de tal modo inconsequente (...)"; e próximo do final do poema, "É outra civilização".[3]

Nas circunstâncias nem sempre poéticas do cotidiano, a invocação desse *topos* sugere lugar e tempo onde tudo flui em instância sublimada de existência – talvez utópica. Lembra a frase do poderoso filósofo, ao tratar do convalescente – (...) *um jedes hier rollt sich die Kugel dort*",[4] traduzido, por exemplo, como "em redor de cada *aqui* gravita a esfera *além*".[5] Seria "lá".

Espaço – A geografia mais frequentemente citada como exemplo de local onde tudo (ou quase tudo, ou a maior parte das coisas) funciona são os Estados Unidos da América, talvez até no contexto de ambiente propício a negócios e a empreendimentos (7ª posição), conforme as publicações econômicas[6] (Ease of doing business index. The World Bank). Seguem nessa escala, por exemplo, o Reino Unido (9ª posição), a Austrália (10ª posição), a Alemanha (13ª posição), o Canadá (15ª posição), entre outros bem posicionados.

De modo geral, as citações que ouvimos de "lá" são detalhes, como se eles existissem independentemente do processo sócio-econômico, político e cultural no qual se inserem. Os processos nem sempre atraem seguidores hiperpragmáticos por serem de modo geral considerados menos "objetivos" ou evidentes do que os seus resultados. Por isso, as citações específicas, nem sempre contextualizadas, parecem ser o que fica de uma história mais longa, não vivida ou não contada.

Especificidades – As especificidades citadas como ilustração de que "lá" tudo funciona variam:

- punição – a punição severa e rápida no caso de descumprimento de quaisquer normas ou regras. A hipótese é que o sistema ou as pessoas trabalhem bem em razão do medo da punição;
- sabedoria – todos são mais sábios, de tal modo que profissionais de qualquer área estariam mais habilitados para discutir quaisquer assuntos (por exemplo, ética em pesquisa);
- foco em resultados – o sistema lá é eficiente pelo foco em resultados. Bastaria perseguir os mesmos resultados com o mesmo foco, que os processos necessários brotariam em causalidade reversa hiperpragmática;
- sistemas – o sistema lá está montado de tal modo que, para progredirmos, bastaria copiar o sistema e colocá-lo a operar por aqui;
- organização – países em fases diferentes de desenvolvimento costumam ter diferenças na organização social geral, em múltiplas etapas da vida social. Em geral, quando o membro de uma sociedade menos organizada se expõe a uma sociedade mais organizada, há o imediato reconhecimento da superioridade da condição mais organizada.
- língua – lá vige outra língua (por exemplo: inglês – língua franca, além do francês, alemão, italiano etc.) que seria

[I]Livre-docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Diretor da Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência:
Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 44 — São Paulo (SP) — CEP 05403-000
Tel. InCor (11) 2661-5237 — Consultório: (11) 3289-7020/3289-6889
E-mail: ajmansur@incor.usp.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflito de interesses: nenhum declarado
Entrada: 6 de novembro de 2015 — Última modificação: 6 de novembro de 2015 — Aceite: 10 de novembro de 2015

para muitos mais condizente e mais apropriada para a realidade (seja ela filosófica, científica, médica etc.) do que o nosso bom português.
- presença – em geral o termo "lá" é aplicado para o local no qual o falante ou o narrador esteve. Portanto há um caráter presencial no *topos* e nos detalhes das citações, variável conforme o observador.
- cortesia – também chamou a atenção a menção feita por colegas da descoberta da cortesia como instrumento do cotidiano de lá, seja ela entre profissionais ou entre profissionais e pacientes.
- passagem – em geral lá é bom também por ter sido um lugar de passagem, um local no qual não se vive o cotidiano atual com as suas habituais realidades.

Tempo – Os tempos lembrados e citados como "lá" não são os tempos históricos, mas são em geral os tempos da (própria) biografia humana do narrador. Na inerente temporalidade da biografia humana são inexoráveis os ciclos de ascensão, *plateau* e descenso. Em geral, esses tempos são citados retrospectivamente depois que, superadas as dificuldades de praxe, a vida permitiu a avaliação das planícies.

Os períodos lembrados são invariavelmente os períodos iniciais de ascensão, qual movimento *allegro* ou *scherzo* de uma sinfonia. Nessa lembrança temperam-se fortes impulsos vitais, modulados por aspirações, retroalimentados *a posteriori*.

Por outro lado, nossa era científica, que muito depende da tecnologia, particularmente "lá". As tecnologias nascentes têm seus tempos, tendo sido sugerida a sequência:
- pico de período de expectativas superestimadas no nascedouro;
- período de desilusão com os primeiros resultados, nos quais não se confirma o excesso de expectativa;
- se sobreviver a esse período, inicia-se período árduo de busca de dados concretos da vida real (em linguagem coloquial – "arroz com feijão" ou "pé no chão");
- finalmente, *plateau* no qual se dá o caráter produtivo da tecnologia.[7]

Não deixa de ser tentador indagar como se relacionam os tempos da biografia humana com os tempos da tecnologia, tanto aqui como "lá", e os processos associados.

Um dos processos é o ensino superior norte-americano.[8] Há detalhes interessantes, que incluem a antiga preocupação com a qualidade do ensino pós-secundário (tendo o *gymnasium* alemão como paradigma), a distribuição ideal de *community college* até 40 km de distância da residência dos alunos (capilaridade – meta atingida em 1970), o *college* como uma política de reinserção social de pessoal mobilizado para a Segunda Grande Guerra (16 milhões de pessoas) – um *slogan* era "é patriótico ir ao *college*". A partir dessa base de *community colleges* de dois anos (1.000 públicos e 700 particulares), há os *colleges* de quatro anos, com graduação e mestrado, cerca de duas centenas de universidades e pouco mais de cem universidades de pesquisa de alto nível (que recebem 70% das verbas de pesquisa). A relação entre os níveis de qualificação tem seus dilemas para os agentes de lá. O estudo ainda aponta que, nos anos 1960, pelo menos dois terços da pesquisa nas universidades dependiam do gigantesco volume de dinheiro disponibilizado em razão da guerra fria. Portanto, um processo complexo do qual vemos facetas do resultado, seja no aspecto industrial, seja no aspecto da geração e produção do conhecimento com as suas consequências.

Finalizando as reflexões sobre tantos detalhes acumulados no decorrer do tempo, esboça-se o conceito de que o "aqui, agora" aspirasse ser "lá, em tempo não definido", forma quase profética moderna de mutação geográfica, rememorando Antonio Conselheiro – "então o sertão virará praia e a praia virará sertão",[9] paráfrase bíblica sertaneja, reiterando que se trata de outra civilização – e reproduzir o verso do conhecido poema citado no primeiro parágrafo. E, para concluir, nunca é demais lembrar que a experiência de outros colegas pode melhor ajuizar, ampliar ou aprofundar essas reflexões.

REFERÊNCIAS

1. Houaiss A, Villar MS, Franco FMM. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.
2. Araujo HV. O sertão e o mar: Guimarães Rosa e Melville (rotas e roteiros). Scripta. 2002;5(10):143-7. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10/Conteudo/N10_Parte01_art10.pdf. Acessado em 2015 (9 nov).
3. Bandeira M. Estrela da vida inteira. Poesias reunidas. Rio de Janeiro: J. Olympio; 1974.
4. Nietzsche F. Also sprach Zarathustra. Stuttgart: Philipp Reclam; 1994.
5. Nietzsche F. Assim falava Zaratustra. Tradução de M. Campos. Sintra: Publicações Europa-America; 1988.
6. The World Bank. Ease of doing business index. Disponível em: http://data.worldbank.org/indicator/IC.BUS.EASE.XQ. Acessado em 2015 (9 nov).
7. The Economist. RNA drugs. The slopes of enlightenment. Disponível em: http://www.economist.com/news/science-and-technology/21674490-once-hyped-technology-starting-prove-its-worth-slopes-enlightenment. Acessado em 2015 (9 nov).
8. Moraes RC. Educação superior nos Estados Unidos. São Paulo: Editora Unesp; 2015.
9. Cunha E. Os Sertões. Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro; 1965.